

O trabalho propõe uma análise sobre o processo de colonização do Vale do Mucuri em meados do século XIX. A relação entre brancos colonizadores e índios colonizados é estudada a partir de um documento redigido por Teófilo Otoni e endereçado a Joaquim Manuel de Macedo, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1858. Até o século XVIII a região do Vale do Mucuri se manteve em certa medida isolada devido à proibição real de abertura de caminhos. Porém, com a decadência aurífera e diversificação das atividades regionais, o local passou a ser valorizado politicamente e economicamente. No séc. XIX ganharam força os projetos delimitados, seguros e previsíveis; multiplicaram-se esforços para conhecer espaços, abrir fronteiras e ocupá-las com um estilo de vida da sociedade branca e seus aspectos "civilizados".

Nesse contexto, a “Companhia de Navegação e Comércio do Vale do Mucuri” é fundada por Otoni, em 1847, para avançar a fronteira de colonização branca e facilitar o acesso e o escoamento de produtos da região. Essa nova frente de ocupação estabeleceu o contato entre os dois grupos: os genericamente denominados "botocudos" e os fazendeiros brancos. A percepção dos “botocudos” como um único grupo estava fundamentada nas características comuns que possuíam, como o modo de ocupação, condições físicas e tronco lingüístico Macro Jê. Entretanto, eles não compartilhavam um mesmo esquema de simbolização e identidade.

A metodologia do trabalho envolveu, portanto, uma análise interpretativa do documento escrito por Teófilo Otoni a Joaquim Manuel de Macedo:

“Vou aproveitar alguns momentos vagos para cumprir como puder a promessa que fiz, de fornecer notícias para a - Memória - a V. Sa. tem de oferecer ao Instituto Histórico e Geográfico acerca dos selvagens do Mucuri.” (pág. 39).

Este documento apresenta um histórico de tratamento aos “botocudos”, realizado pelos colonos brancos e considerado inadequado por Otoni, ao lado de políticas de dominação e imposição, que podemos qualificar como próprias do universo de simbolização branco. A reflexão interpretativa desse contato foi embasada nos seguintes autores: Todorov (2003), Sahlins (1990), Wagner (1981) e Viveiros de Castro (1992).

A análise do relato feito por Otoni revela o tratamento agressivo ministrado ao 'gentio' e os detalhes da percepção dos brancos em relação aos índios tidos como ferozes. Se por um lado os “botocudos” eram temidos porque recusavam o aldeamento, praticavam a antropofagia e utilizavam adornos corporais; os fazendeiros brancos, por outro lado, tinham um comportamento extremamente violento em relação a eles, como fica manifesto em expressões presentes na narrativa de Otoni, como 'caçar aldeias' e a menção ao tráfico de 'kerucas'. Os kerucas eram crianças indígenas apreciadas no mercado local. As crianças eram retiradas do convívio de sua família, seja porque suas aldeias haviam sido exterminadas ou devido à submissão das mesmas aos aldeamentos. Nesse sentido é difícil saber se a reputação de ferozes atribuída aos “botocudos” não seria um modo de legitimar o uso da violência física contra eles. De outra forma, também não se pode saber até que ponto a agressividade dos fazendeiros não influenciava a conduta dos índios, estabelecendo um contato de ações e reações arredias.

De acordo com Otoni, a política dos brancos de tratamento ao 'gentio', como a dos aldeamentos, era inadequada. Ao que tudo indica, os aldeamentos podem ser comparados a prisões. Neles os índios tinham data de entrada sem, no entanto, saída prevista, sendo, na prática, lugares de disseminação da cultura branca e de seus valores cristãos. Essa política também incentivava o casamento interétnico, mas em uma perspectiva de imposição da identidade branca aos descendentes, sendo essa a lógica da colonização.

Neste contexto de contato interétnico, os 'línguas' podem ser vistos como agentes mediadores a serviço da colonização. Eles eram em geral índios que possuíam uma relação estreita com os brancos. Ao crescerem em proximidade com os valores brancos, os 'kerucas' eram 'línguas' em potencial. Normalmente os 'línguas' eram instrumentos de dominação: sabotavam plantações, criando uma situação de fome insuportável, o que obrigava os “botocudos” a se submeterem aos aldeamentos. Além disso, forneciam instrumentos e utensílios apreciados por eles e o uso desses novos elementos introduzia uma nova base simbólica para o reconhecimento e o prestígio social. Dessa maneira, ao se inserirem nas sociedades indígenas, os 'línguas' eram capazes de alterar os esquemas nativos de simbolização; há, nesse sentido, um processo de ressemantização e incorporação de novos elementos na estrutura simbólica tradicional dos “botocudos”.

Esse relato, portanto, propõe que o tratamento dado ao gentio ocorra sem o uso de violência física. Porém, a postura liberal e o tratamento ameno sugerido por ele revela seu interesse econômico na região, o que não deixa de ser uma violência simbólica: com essa medida, conseguiu as terras dos “botocudos” que necessitava para a construção de sua Companhia. Mesmo com uma postura de tratamento diferenciado ao 'gentio', o que foi ressaltado é uma lógica perversa da alteridade, na qual a perspectiva de aliança plena não se evidenciava na prática. O espaço do outro na cultura branca, assim, era o da integração, principalmente econômica, na qual predominava o estilo de vida branco.